



“UMA DÁDIVA DO NILO”: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ESPAÇO ABSOLUTO — DE HENRI LEFEBVRE — NO ANTIGO EGITO

Keidy Narelly Costa Matias¹

Resumo: Neste trabalho realizaremos algumas reflexões sobre o conceito de espaço absoluto — pensado para as sociedades antigas —, como parte integrante do espaço social desenvolvido pelo filósofo francês Henri Lefebvre, de modo a pensarmos como sua aplicação pode ser realizada no Antigo Egito. Para isto, discutiremos alguns elementos que nos permitem caracterizar o Egito como uma dádiva do Nilo, haja vista ser a relação entre os humanos e a natureza uma das formas de produção do espaço. Assim sendo, na medida em que praticamente tudo o que concebiam os egípcios, o mundo dos mortos incluso, era advindo da prática social que tinham com a natureza, acreditamos que a conceituação de Lefebvre se adéqua àquela profícua sociedade.

Palavras-chave: Henri Lefebvre; Espaço Absoluto; Egito Antigo; Dádiva do Nilo.

Dossiê

INTRODUÇÃO

O espaço materializa as ações humanas. Esta sentença, dita em nossos dias, não parece mais do que um diletantismo, uma redundância qualquer, uma frase vazia, porquanto, sem conteúdo ou novidade. Quando falamos vulgarmente é que mais seriamente corremos o risco de acreditar em tal arbitrariedade. No entanto, essa sentença nos diz muito, basta retirarmos a poeira de sua superfície e averiguarmos a originalidade que a abarca. Esse pioneirismo coube a Henri Lefebvre (2013 [1985], p. 123), que colocou o *poço* no espaço em um momento no qual “a imensa maioria das pessoas e do público só compreendia por essa palavra, o Espaço (com E maiúsculo) carregado de

¹ Mestre em História e Espaços pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Integrante da Cátedra UNESCO-Archai, da UnB, e do MAAT – Núcleo de Estudo de História Antiga da UFRN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0964579124081053> | Email: keidymatias@ufrn.edu.br.

novas e singulares conotações, as distâncias cósmicas”. O espaço era tido como “um contentor sem conteúdo” (LEFEBVRE, 2013 [1985], p. 123).



Lefebvre nos diz que o espaço não é um simples receptáculo, mas um testemunho da história humana na medida em que não interessa simplesmente discutir àquilo que é advindo da natureza, mas o que as pessoas podem fazer a partir disso. Ele nos diz que todo espaço é, em essência, social. Em outras palavras, o espaço não é algo vazio, que nada diz; o espaço fala, pois é produto de pessoas. O espaço é resultado de conflitos, de ações, de quebras, continuidades, representações e fantasias. Trata-se da cristalização simultânea do tempo ou de vários tempos. O espaço é produzido e, por isto, é resultado da ação de várias pessoas, de grupos, de intencionalidades, apropriações, alienações e ideologias. O espaço, para Lefebvre, é verdadeiramente um emaranhado de coisas produzidas pelo homem a partir de uma matéria prima, que recebe o nome de *natureza*. Assim sendo, o espaço é a presença do conteúdo.

O espaço é o elo entre “o mental e o cultural, o social e o histórico” (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 126). Em outras palavras, nada acontece fora do espaço e o espaço, por sua vez, não se faz sem a presença do elemento humano. “O espaço deixou de ser um ambiente geométrico passivo ou geométrico vazio. Tornou-se instrumento” (ELDEN, 2004, p. 189). Nas palavras de Roberto Luís Monte-Mór (2006, p. 01-02), Lefebvre “dá ao espaço uma dimensão fundamental. Ele diz: ‘não há realidade social inespacial’; qualquer realidade social é, por definição, espacial”.

Ao tratar do espaço e caracterizá-lo como uma produção social, Henri Lefebvre se propôs a superar concepções há muito arraigadas que, segundo ele, são responsáveis por conceberem uma ideia mal determinada de espaço, sobretudo por separá-lo do tempo. Assim, “a concepção do espaço como produto social não se constituía sem dificuldades; em outras palavras, sem uma problemática em parte nova e imprevista” (LEFEBVRE, 2013 [1985], p. 125). É nesse sentido que, fazendo uso dos seus estudos realizados sobre esse conceito na longa história, Lefebvre diz que sua existência está condicionada à força da ação, do trabalho, ou seja, da transformação e da apropriação. Espaço e tempo coexistem e são duas categorias complementares na medida em que a partir da cristalização do espaço é que se torna possível ler o tempo nele inerente. Em outras palavras, Lefebvre empreende um:

esforço para sair da confusão, considerando o espaço (social), assim como o tempo (social), não mais como fatos de “natureza” mais ou menos modificada, e nem como simples fatos de “cultura”; mas como produtos. O que conduzia a uma modificação no emprego e



no sentido desse último termo. A produção do espaço (e do tempo) não os considerava como “objetos” e “coisas” quaisquer, saindo das mãos ou das máquinas, mas como os aspectos principais da natureza segunda, efeito da ação das sociedades sobre a “natureza primeira” (LEFEBVRE, 2013 [1985], p. 124).

Em resposta à grande repercussão da obra “A Produção do Espaço”, Lefebvre (2013 [1985], p. 125) afirma ainda que “o espaço não pode mais se conceber como passivo, vazio, ou como de fato não tendo outro sentido, tal como os ‘produtos’, senão o de ser trocado, de ser consumido, de desaparecer. Enquanto produto, por interação ou retroação”, ou seja, o espaço se emaranha, produz e é produzido e, portanto, tal como o rumo da história, está em constante movimento. Em resumo, Lefebvre dedica-se a discutir as vicissitudes humanas como pontos nevrálgicos para a transformação da *natureza em trabalho*, preocupando-se com o duplo ação-transformação, ou seja, a mutação da natureza em trabalho como resultado das ações humanas.

HENRI LEFEBVRE E O ESPAÇO SOCIAL

Henri Lefebvre (1901-1991), filósofo francês nascido em Hagetmau, na França, é considerado um dos maiores pensadores marxistas do século XX. Em sua obra — composta por 75 livros e cerca de uma centena de artigos —, Lefebvre transborda o espaço da França como campo de análise e, igualmente, excede o século XX como recorte temporal, de modo que, prolongando o pensamento de Karl Marx, ele formula uma pioneira concepção de espaço, donde as pessoas são colocadas em primeiro plano, na medida em que são elas as produtoras e forças motrizes da História. Esta concepção se encontra em várias obras de Lefebvre, mas é sistematizada em *La production de l'Espace*, datada de 1974. Nessa obra, Lefebvre sistematiza seu pensamento sobre o espaço, e explica sua percepção daquilo que chama de *espaço absoluto*, conceito caro a este artigo. Neste sentido, pensamos como Chris Butler (2003, p. 95), que afirma ser:

no centro da narrativa de Lefebvre [que está] o caminho pelo qual uma forma orgânica do espaço social (espaço absoluto) evoluiu sobre uma série de formas de organização social, em um espaço onde as representações do espaço tenderam a deslocar e dominar a experiência vivida (espaço abstrato).

Em *A Produção do Espaço*, Lefebvre defende que tanto o espaço quanto o tempo são sociais, tendo em vista que essas duas categorias não podem ser vistas

de modo separado. Assim sendo, o espaço social se divide em três categorias espaciais e em três categorias temporais que, grosso modo, correspondem-se de acordo com o esquema abaixo.



“É no espaço absoluto que a vida humana está mais intimamente ligada a uma ‘primeira natureza,’ seus ritmos e suas forças” (BUTLER, 2003, p. 95). É nesse espaço que o valor de uso possui proeminência e encontra como correspondente temporal a Era Agrária. Trata-se de um conceito aplicável somente às sociedades não capitalistas. Considerando os outros dois *espaços* — abstrato e diferencial — e *temporalidades* — Industrial e Urbana —, podemos inferir que a teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre alberga toda a existência do homem na Terra. Os espaços absoluto, abstrato e diferencial devem ser refletidos de acordo com as múltiplas realidades que os cercam ou cercavam, pois, todo espaço é, em essência, social. “O espaço social é o espaço da sociedade, da vida social. O homem não vive unicamente pela palavra; cada ‘sujeito’ se situa em um espaço donde se reconhece ou se perde, um espaço para desfrutar ou modificar” (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 94).

A periodização geral do tempo histórico, proposta por Lefebvre, divide a história do homem em três grandes eras: a era agrária, a era industrial e a era urbana. A cada uma dessas eras o autor associa a constituição de um espaço específico. Temos assim, respectivamente, o **espaço absoluto (era agrária), relacionado à sacralização do solo e ao espaço mítico**, o espaço abstrato (era industrial), relacionado ao espaço como valor de troca, e o espaço diferencial (era urbana), relacionado ao processo de construção da sociedade urbana (DUARTE, 2011, p. 3. Grifo nosso).

Considerando o exposto, doravante, propomo-nos a realizar algumas reflexões sobre a antiga sociedade egípcia, considerando-a como parte integrante do espaço absoluto, para que, por fim, possamos defender a hipótese de que o Egito é uma dádiva do Nilo, conforme estabelecido por Hecateu de Mileto e eternizado por Heródoto (1988 [séc. V a.C.], II, X). Assim sendo,



não discutiremos os outros dois espaços lefebvrianos — abstrato e diferencial —, mas tão somente o espaço absoluto, cujo recorte temporal compreende o Antigo Egito, no qual o *valor de uso* do Nilo desvela a construção político-religiosa daquela sociedade.

EGITO, UMA “DÁDIVA DO NILO”: A NATUREZA E A SOCIEDADE

Jean-Pierre Vernant (2001, cf. p. 179) e Jan Assmann (1989, cf. p. 56), afirmam que, na Antiguidade, não é possível separar *economia, religião, cultura e política*, de *sociedade*, enfim, todos esses domínios estavam entrelaçados e, com estes, as pessoas forjavam e se organizavam no cosmos — Assmann (1989, p. 56), aliás, conceitua o Egito como uma “unidade teopolítica”. Essa concepção espacial é percebida quando voltamos nosso olhar ao estudo do Egito, uma sociedade que se desenvolveu às margens de um rio, a saber, o Nilo, cujos mitos de criação comungam com a ideia de natureza observada pelos transeuntes, de modo que as cosmogonias egípcias são, elas próprias, representações daquilo que fora observado no mundo dos vivos; religião e prática social são, portanto, inseparáveis.

A prática espacial de uma sociedade secreta seu espaço; postula e o supõe em uma interação dialética; o produz lenta e serenamente dominando-o e apropriando-se deste. De um ponto de vista analítico, a prática espacial de uma sociedade se descobre ao se decifrar seu espaço (LEFEBVRE, 2013, p. 97).

Dossiê

O rio Nilo fundamentava e ordenava o espaço egípcio. Deste é que provinha a maior parte da alimentação para o povo, haja vista ser sua subsistência diretamente advinda das cheias. A geografia do Egito, um duplo entre rio (terra negra) e deserto (terra vermelha), não à toa permeou o imaginário daquele povo desde a concepção que faziam de mundo até a produção de seus deuses.

Não é certa a parte do Egito a qual Hecateu se referia quando proferiu sua frase. [...] Sir H. Idris Bell acredita que Heródoto também estava pensando apenas no Delta; mas Heródoto acrescenta expressamente à sua definição uma região acima do lago de Moeris (GRIFFITHS, 1966, p. 57).

Sabemos que não é possível atribuir a sistematização de uma sociedade tendo por única base a sua relação com um rio, sob pena de cairmos na concepção ultrapassada desde o século XX, que constantemente explica às sociedades a



partir da ideia de determinismo geográfico. *Não é isso que se pretende aqui.* O que almejamos é convidar o leitor a realizar uma reflexão sobre a prática social, a partir da relação que as pessoas tinham com o Nilo, para verificarmos a centralidade deste rio no que tange à sistematização religiosa do Egito. Temos em mente, portanto, que “o fator único mais importante do desenvolvimento do Egito foi o Nilo, o grande rio que nasce bem ao sul do país, três graus ao sul do Equador, na região dos Grandes Lagos” (DAVID, 2011, p. 24).

Baseando-se no fenómeno anual das cheias do Nilo que, à medida que se retirava, deixava à vista pequenas elevações de terra firme, os «teólogos» egípcios, concentraram nessa imagem todo o poder evocativo do início do mundo (SOUSA, 2006, p. 317).

Os egípcios prezavam os conceitos aventados pela deusa Maat como um meio de vida, como um elemento ordenador do cosmos. Isto ocorria tanto no mundo dos vivos quanto no dos mortos. A ordem, a justiça e o equilíbrio deveriam estar presentes na vida cotidiana dos sujeitos e, em grande escala, da sociedade, fato que ajuda a explicar a centralização estatal que se observou por cerca de três milênios, já que toda mudança brusca significava também a subversão dos ideais de Maat e, portanto, o caos deveria ser afastado e a ordem restabelecida. O restabelecimento da ordem carrega subjacente uma relação com os rituais, tendo em vista que a realização destes era uma das formas de oferecer a continuidade tanto do espaço físico quanto dos sujeitos que nele habitavam. A realização dos rituais, nesse sentido, possibilitava magicamente a cheia anual do Nilo que, por sua vez, como se estivesse a retribuir, proporcionava as cheias e, por conseguinte, o alimento.

No outro mundo como neste, era preciso alimentar-se. Uma das soluções consistia em transformar magicamente o morto num deus da fertilidade e da vegetação — Osíris, Hetep (personificação do Campo das Oferendas), o deus do Nilo (Hapi) —; quando não no próprio cereal: a identificação com o grão que é enterrado e renasce, aliás, era também uma imagem favorável à ressurreição (CARDOSO, 1984, p. 107).

A relação que os egípcios tinham com o Nilo desvela certas práticas sociais perceptíveis tanto no mundo físico quanto no mundo dos mortos. Por um lado, no mundo dos vivos, percebemos que a relação que tinham com a natureza atuou diretamente na produção dos deuses, algo que percebemos em suas cosmogonias. Por outro lado, no mundo dos mortos, notamos que umas das maiores preocupações no sentido de conservar a existência eterna estava



na ideia de oferenda. Aliás, em nossa dissertação, intitulada “Cartografias do Além: o mundo dos vivos e o universo dos mortos no Antigo Egito” (2016)², verificamos que em quase todas as fórmulas do *Livro dos Mortos* existem menções à necessidade de se alimentar no além como uma condição para a manutenção da vida eterna.

Com detalhes cada vez mais abundantes conforme avançamos no tempo, os egípcios tenderam a imaginar a vida no outro mundo como um reflexo ou extensão das características do próprio país do Nilo. Por tais razões, as tumbas — sua iconografia, seus escritos — e os textos funerários fornecem inúmeras informações valiosas para a história agrária (CARDOSO, 1984, p. 100).

Afirmamos, categoricamente, que não é possível conceber o Egito Antigo, tal como foi, sem o elemento determinante do Nilo. Por isso acreditamos que a famosa frase de Hecateu de Mileto carrega bastante racionalidade. Os mitos de cosmogonia, por exemplo, revelam que a construção simbólica do divino é representativa da prática social realizada no mundo físico. Conforme explica Rogério Sousa (2006, p. 317), “à semelhança da cheia que submergia tudo mas fertilizava o solo do Egito, o Nun infinito, sem forma, caótico e insondável era também a fonte da regeneração do mundo e continha, em potência, todas as possibilidades da criação”. Nesse sentido, quando observamos as características divinas dos deuses, como Osíris e Rê, por exemplo, percebemos que estão carregadas de elementos oriundos da natureza, especificamente, da vegetação, das cheias e da luz solar. Assim sendo, esses elementos foram levados também à concepção do mundo dos mortos.

Os dois grandes princípios da ordem cósmica, o sol e o Nilo, estavam relacionados com o caos e não podiam existir sem ele. Com efeito, era no mundo inferior, resíduo das forças do Nun, que o sol efectuava secretamente a sua regeneração quotidiana. Do mesmo modo, o Nilo, através da cheia, trazia o potencial regenerador do Nun para garantir a fertilidade do Egito. Também os humanos viviam em estreita ligação às forças do Nun (SOUSA, 2006, p. 319-320).

Esse duplo entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos é aventado por Ciro Cardoso, quando nos lembra que

o *Livro dos Mortos* [por exemplo] inclui abundantes referências à água, à cheia do Nilo e seus efeitos e à irrigação. Embora afirme em

2 Disponível em: < <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/22440> >. Acesso em 15 Nov. 2018.



certas passagens que o deus solar criou a água e a inundação — como tudo mais —, é frequente a noção de que a Osíris se devem a cheia do Nilo (efluxo saído de seu cadáver), o germinar das plantas, o verdor dos campos, em suma a prosperidade deste mundo e do outro. Como filho de Osíris, Hórus — que é também o faraó — exerce controle sobre os homens, as terras, o rio, sua cheia, as plantas e em especial os cereais, e é de sua munificência que a humanidade obtém a saciedade e os deuses suas oferendas (CARDOSO, 1984, p. 117).

Em resumo, “a interpretação do universo pelos egípcios antigos era fortemente condicionada pelo meio ambiente e pelas suas experiências de vida” (TAYLOR, 2010, p. 16); praticamente tudo o que concebiam possuía alguma relação com a ideia de natureza, diretamente associada ao Nilo ou até mesmo à ausência do Nilo (o deserto). “Debaixo do sol estendia-se o cosmos, o domínio da luz e da vida, ao passo que, para lá das fronteiras do céu e da terra, estendia-se o caos, a escuridão, o silêncio e a inércia. A este caos que envolvia o mundo, os egiptólogos dão o nome de Nun” (SOUSA, 2006, p. 315). Em outras palavras, a dualidade entre a luz e a escuridão observada no mundo dos vivos foi transportada para o mundo dos mortos por meio dos deuses Rê e Osíris, mas encontra também outro referencial no mundo dos vivos na medida em que imaginamos a dualidade entre a terra fértil e a infértil — esta representada pelo deus Seti. A homogeneidade dessas ambivalências confluiu para a manutenção da ordem, dos rituais, dos mundos físico e transcendental, por conseguinte, apançou a manutenção da sociedade por milênios.

A conexão entre paisagem, água e tempo, que só existia no Egito, era fundamental e decisiva. Uma vez por ano, o Egito se transformava em uma terra que parecia flutuar no céu. E o imenso céu cheio de luz que o cobria se refletia na superfície da água parada do Nilo (ASSMANN, 2000, p. 79).

Esse fenômeno anual se transformou em milenar, na medida em que foi eternizado pela literatura e por todo um sistema de pensamento. Nesse sentido, se, por um lado, o Egito como dádiva do Nilo *não* pode ser visto como uma hipótese legitimadora de um determinismo geográfico, por outro lado, também não pode ser distanciado da prática social que caracteriza sua cosmologia.

ALGUMAS CONCLUSÕES

A relação entre o homem e a natureza no Egito Antigo apresenta um campo fértil para se pensar o espaço absoluto lefebvriano, haja vista que a



sociedade antiga que elencamos fora forjada, notadamente, a partir de sua relação com um rio, sendo este essencial à sistematização das primeiras sociedades da *era agrária*. No que diz respeito ao mundo dos mortos, por exemplo, a concepção egípcia está diretamente relacionada com as percepções que tinham de sua geografia, de modo que deuses e homens desempenhavam ações com vistas à manutenção da ordem e à transmutação de ideias observadas somente no mundo dos vivos que, finalmente, deveriam ordenar também o mundo dos mortos. Esses dois mundos eram espelhados, de modo que a vida no mundo dos mortos era uma cartografia daquilo que se concebia no mundo físico dos vivos.

Assim sendo, interessa destacar que todo esse espaço é, notadamente, social. Essa é uma ideia clara para nós e que norteia todas as interpretações presentes neste trabalho. Assim sendo, as formas de concepção espacial que tinham os egípcios resultam de suas observações da natureza no curso do tempo, desvelando uma intensa relação espaço-temporal. Na medida em que a natureza agia como um elemento ordenador do cosmos — por meio das cheias, por exemplo — podemos perceber o pensamento religioso como reminiscência e mesmo como produto das práticas sociais ocorridas nesse espaço absoluto e, por conseguinte, simbólico.

Abstract: In this work we will make some reflections on the concept of absolute space - thought for the old societies -, as an integral part of the social space developed by the French philosopher Henri Lefebvre, in order to think how its application can be realized in Ancient Egypt. For this we will discuss some elements that allow us to characterize Egypt as a gift of the Nile, since the relationship between humans and nature is one of the ways of producing space. Thus, practically everything that the Egyptians conceived, the world of the dead included, was coming from the social practice they had with nature, we believe that Lefebvre's conceptualization fits into that fruitful society.

Keywords: Henri Lefebvre. Absolute Space. Ancient Egypt. Gift of the Nile.



ASSMANN, Jan. State and Religion in the New Kingdom. In: SIMPSON, William Kelly (Org.), **Religion and Philosophy in Ancient Egypt**. Yale Egyptological Studies, 3, 1989, p. 55-88.

ASSMANN, Jan. Originalveröffentlichung in: Tonio Hölscher (Hrsg.), **Gegenwelten zu den Kulturen Griechenlands und Roms in der Antike**. Leipzig, 2000, S. 67-83. Disponível em: < http://archiv.ub.uni-heidelberg.de/propylaeumdok/2916/1/Assmann_Aegypten_als_Gegenwelt_2000.pdf >. Acesso em 14 Nov. 2018.

BUTLER, Chris. **Law and the social production of space**. (Doctor of Philosophy in the Law School, Faculty of Law). Brisbane: Griffith University, Queensland, 2003.

CARDOSO, Ciro. Flamarion. Santana. A literatura funerária como fonte para a História Agrária do Egito Antigo. São Paulo: USP - **Revista de História**, n° 117, 1984, p. 99-119.

DAVID, Rosalie. **Religião e magia no Antigo Egito**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

DUARTE, Cristóvão Fernandes. **Da cidade ao urbano: o vaivém da história na obra de Henri Lefebvre**. I Colóquio o Espaço do Habitat na Obra de Henri Lefebvre: Do Rural ao Urbano (UFRN), 2011.

ELDEN, Stuart. **Understanding Henri Lefebvre**. London/New York: Continuum, 2004.

GRIFFITHS, J. Gwyn. Hecataeus and Herodotus on "A Gift of the River". **Journal of Near Eastern Studies**, 25, no. 1 (Jan., 1966), p. 57-61.

HERÓDOTO. **História**. Brasília: Universidade de Brasília, 1988 [séc. V a.C.].

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013 [1974].

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. **O cotidiano e a produção do espaço** (Transcrição de Felipe Gontijo), [Online]. 2006. Disponível em: < http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_eventos/coloquio2006/palestras/monte-mor.htm >. Acesso em: 01/11/2018.

SOUSA, Rogério Ferreira de. O imaginário simbólico da criação do mundo no antigo Egito. In **Estudos de Homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias**. Porto: Universidade do Porto, 2006, p. 313 - 334.

TAYLOR, John. **Journey Through the Afterlife: Ancient Egyptian Book of the Dead**. London: British Museum Press, 2010.

VERNANT, Jean-Pierre. **Entre mito e política**. São Paulo: EDUSP, 2001.